

ADRIANA CORDEIRO LEÃO MELLO

DISLEXIA: MÉTODOS E TÉCNICAS PARA AUXILIAR O ALUNO DISLÉXICO
NO CONTEXTO ESCOLAR

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



Porto, 2018

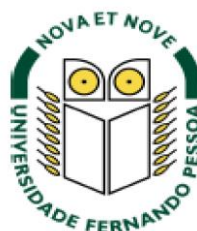
PREVIEW

ADRIANA CORDEIRO LEÃO MELLO

DISLEXIA: MÉTODOS E TÉCNICAS PARA AUXILIAR O ALUNO DISLÉXICO
NO CONTEXTO ESCOLAR

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



Porto, 2018

ADRIANA CORDEIRO LEÃO MELLO

DISLEXIA: MÉTODOS E TÉCNICAS PARA AUXILIAR O ALUNO DISLÉXICO
NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho apresentado à Universidade Fernando
Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do
grau de Mestre em Ciências da Educação:
Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor
sob a orientação da Prof.^a Doutora Luísa Saavedra.

RESUMO

A presente investigação tem como objetivo, analisar os mecanismos de intervenção pedagógica que possam contribuir para melhor desempenho do processo ensino/aprendizagem do aluno disléxico. Para tanto, é necessário primeiramente contextualizar a dislexia que não surge de uma má alfabetização ou por culpa da criança, ela é uma dificuldade de linguagem que deve ser tratada por profissionais especializados, sendo assim, devem ser usados procedimentos didáticos adequados que possibilitam à criança vir a desenvolver todas as suas múltiplas aptidões. Pelo exposto, buscaremos em nossa pesquisa, responder ao seguinte questionamento:

Será que as orientações recomendadas pela investigação com práticas educativas compostas por técnicas e métodos, quando aplicadas a alunos com dislexia, produzem progressos educativos significativos?

E é nesta sequência que nos propusemos investigar a dislexia com o objetivo de contribuir para a formação dos educadores na melhoria do atendimento ao educando disléxico.

Ao final conclui-se que se faz necessário e relevante ter um posicionamento de prontidão e aceitação, com ações e orientações adequadas com métodos e técnicas apropriadas, sabendo que as dificuldades encontradas por cada indivíduo disléxico é um desafio diário, pois cada um possui características individuais complexas. Somente com bastante dedicação e empenho dos professores, dispostos a mudar as suas práticas pedagógicas serão possíveis avanços positivos na vida escolar de um disléxico. O professor tem o papel, a missão de ser um facilitador da aprendizagem e do conhecimento.

Palavras-chave: Dislexia. Alunos. Leitura. Métodos e Técnicas.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the theoretical / practical mechanisms of pedagogical intervention that can contribute to a better performance of the teaching / learning process of the dyslexic student. For this, it is necessary to contextualize dyslexia that does not arise from poor literacy or because of the child's fault, it is a language difficulty that must be dealt with by specialized professionals, and, therefore, appropriate didactic procedures must be used to enable the child to come to develop all of its multiple skills. In response to this, we will seek to answer the following question: Will the guidelines recommended by research with educational practices composed of techniques and methods, when applied to students with dyslexia, produce significant educational progress? And it is in this bias that we set out to investigate dyslexia with the aim of contributing to the education of educators and improving the service to the dyslexic student. At the end, it is concluded that it is necessary and relevant to have a position of readiness and acceptance, with appropriate actions and guidelines with appropriate methods and techniques, knowing that the difficulties encountered by each dyslexic individual is a daily challenge, since each one has individual characteristics complex. Only with enough dedication and commitment of the teachers, willing to change their pedagogical practices that will be possible positive advances in the school life of a dyslexic. The teacher has the role, the mission of being a facilitator of learning and knowledge.

Keywords: Dyslexia. Students. Reading. Methods and Techniques.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de Mestrado a DEUS sempre presente e maravilhoso.

Aos meus pais amados Silvio e Rosi, que me ensinaram com muito amor nunca desistir dos meus objetivos.

A todos que acreditam que possível tornar o mundo melhor e mais humano através do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus maravilhoso, poderoso e generoso em sua grandeza que me deu forças, fé e sabedoria para eu continuar sempre lutando.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e me orientaram para eu ser uma pessoa equilibrada e guerreira, e com toda certeza se sentirão orgulhosos por mais esta etapa conquistada.

Ao meu esposo Gerson maravilhoso que sempre foi meu companheiro, amigo e apoio das horas difíceis de lutas e conquistas.

As minhas filhas maravilhosas, princesas: Letícia e Natália que são os tesouros da minha vida, e que sempre tiveram paciência em cada momento em que fiquei ausente para me dedicar a pesquisa e aos estudos.

As professoras do Colégio Estadual São Pedro Apóstolo as quais participaram da pesquisa deste estudo.

A Direção do Colégio Estadual São Pedro Apóstolo que autorizou e apoiou que eu desenvolvesse a pesquisa.

À Doutora Maria Luisa Saavedra professora Orientadora deste estudo.

À querida amiga Juliane Loss que me orientou e me tranquilizou em vários momentos.

Às professoras Doutoras da Universidade Fernando Pessoa por todo o aprendizado que me proporcionaram.

As minhas amadas irmãs que seguiram a mesma profissão, e sabem o quanto o conhecimento é valioso.

Ao meu primo irmão Junior que me deu apoio e foi prestativo sem medir esforços para me ajudar.

Ao incentivo e estímulo das amigas Sulamita e Judith para ir ao Porto e iniciar o Mestrado.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	06
ABSTRACT	07
DEDICATÓRIA	08
AGRADECIMENTOS	09
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – DISLEXIA: REVISÃO DE LITERATURA	15
1.2 Aprendizagem da Leitura	18
1.3 Memória de Trabalho	23
1.4 A Dislexia e Suas Definições	26
1.5 Causas da Dislexia	34
1.6 Sinais de Dislexia	35
1.7 Intervenções Pedagógicas, Métodos e Técnicas	36
CAPÍTULO II – SISTEMA EDUCATIVO E DISLEXIA	43
2.1 Dislexia e a Educação Inclusiva	43
2.2 O Sistema Educativo Brasileiro em Face de Alunos Disléxicos	45
2.3 Dislexia na Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná	46
CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA	49
3.1 Explicitação e Relevância da Situação-Problema	49
3.2 Objetivos	49
3.2.1 objetivo geral	49
3.2.2 objetivos específicos	50
3.3 Metodologia	50
3.3.1 abordagem metodológica do estudo	50
3.4 Colégio	51
3.5 Instrumentos e Procedimentos de Recolha de Dados	51
3.6 Participantes	53
3.6.1 dados sociodemográficos	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	81

ANEXOS	81
Anexo 1 – Solicitação para a Investigação	81
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	82
Anexo 3 – Declaração de Consentimento	84
Anexo 4 – Questionário Professores/Coordenadores/Direção	85

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Porcentagem de estudantes entre 10 e 14 anos com mais de dois anos de defasagem escolar em 2009	22
Tabela 2 – Dificuldades apresentadas pelas crianças disléxicas	35
Tabela 3 – Caracterização da amostra	53

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos participantes	53
Gráfico 2 – Gênero dos participantes	55
Gráfico 3 – Estado civil dos participantes	55
Gráfico 4 – Tempo de atividade na educação	56
Gráfico 5 – Conhece a dislexia?	57
Gráfico 6 – Você possui formação em educação especial para atender os alunos de inclusão?	58
Gráfico 7 – Formação Pedagógica para disléxicos	59
Gráfico 8 – Acompanhamento da coordenação na inserção do aluno disléxico	60
Gráfico 9 – Material pedagógico diferenciado para o aluno disléxico	61
Gráfico 10 – Características comuns a maioria dos alunos disléxicos	63
Gráfico 11 – Sinais significativos apresentados por alunos disléxicos	65

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo ampliar o conhecimento para um dos transtornos de aprendizagem mais frequentes na infância, mas que poucas vezes é identificado, a dislexia. É relevante compreender que a dislexia não se dá de uma má alfabetização ou por culpa da criança. Com isso é tão substancial que se entendam as causas e as características para poder trabalhar a questão, procurando soluções e formas pedagógicas eficientes que possam ajudar as crianças a superar esse distúrbio, de forma a minimizar as frustrações e promover a melhoria da aprendizagem.

É necessário, compreender que a dislexia é uma dificuldade de linguagem que deve ser tratada por profissionais especializados, sendo assim devem ser usados procedimentos didáticos adequados que possibilitam a criança vir a desenvolver todas as suas múltiplas aptidões.

Para Duarte (2009), a leitura é um instrumento essencial que permite ao indivíduo ter acesso à informação, construir o seu conhecimento, estimular a reflexão crítica e trocar ideias. No entanto, só uma parte da população se dedica à leitura de livros, jornais e revistas e entende plenamente toda a informação visual e verbal oferecida pelos meios de comunicação social. Toda a outra parte da população apresenta um nível de leitura insuficiente, que se traduz por reduzidos conhecimentos.

E atrelado a isso, a falta de conhecimento sobre a dislexia é um fator preocupante, por isso é tão importante que se abram horizontes, que os alheios ao assunto possam perceber e interpretar como se manifesta a dislexia.

Enquanto abordagem multidisciplinar, a Dislexia recebe conceitos diferentes de cada área de pesquisa. Neste contexto, para Giacheti e Capelline (2000), a Dislexia é entendida como um distúrbio neurológico, de origem congênita, que acomete crianças com potencial intelectual normal, sem déficit sensorial, com suposta instrução educacional apropriada, mas que não conseguiram adquirir e ou acompanhar satisfatoriamente com habilidade de leitura e escrita. Já a fonoaudiologia traz a dislexia como sendo a inabilidade em fazer correspondências e combinações entre as letras e entre letras e os sons que as representam corretamente (Capovilla & Capovilla, 1999).

Para a psicologia, o dislexo não consegue “traduzir” de forma adequada e imediata, as unidades mínimas da fala que são os fonemas, para os sinais gráficos convencionais com seus representantes (Fagundes, 1995).

A Dislexia é uma condição neurológica associada a deficiência na aquisição e no processamento da linguagem. Com vários graus de gravidade, que se manifestam por dificuldades na linguagem receptiva e expressiva, incluindo processamento fonológico, na leitura, na escrita, ortografia, caligrafia, e às vezes em aritmética. Pode assim interpretar-se, que a dislexia é uma condição hereditária, associada a diversas perturbações neurológicas, em áreas corticais visuais e auditivas. Entender o funcionamento cerebral da aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita e os seus desarranjos tem sido objetivo de investigação constante (Fagundes, 1995; Hallahan & Mercer, 2001; Fletcher, et al., 2007).

As dificuldades de aprendizagem são temas de estudos há muitos anos e muitos pesquisadores têm-se dedicado a estudá-las e analisá-las. No século XIX, pesquisadores se dedicaram a analisar dificuldades relacionadas à leitura e à escrita, criando a necessidade de classificar e reconhecer sistematicamente suas características. Nesse contexto, o conceito de Dislexia surge e é estudado como uma nomenclatura específica à dificuldade com a linguagem escrita. Desde então diferentes análises e definições para este possível tipo de patologia coexistem e buscam-se diferentes teorias que deem conta de analisar as mais diversas manifestações das dificuldades de aprendizagem. (Fagundes, 1995)

Discute-se a desconstrução do conceito de dislexia que se situa em dois polos: nas ciências da saúde que apresentam como causas da dislexia fatores orgânicos (funcionamento cerebral, fatores genéticos, dificuldades cognitivas) e nas ciências humanas, causas ligadas a fatores sociais (letramento, singularidades, fatores educacionais) cujas implicações recaem sobre dificuldades das crianças.

Pelo exposto a nossa temática nasceu de uma motivação pessoal por perceber que muitos professores e pais infelizmente ainda não têm o discernimento mais específico acerca da dislexia e suas causas, portanto muitas crianças sofrem os mais diversos tipos de preconceitos e até mesmo insultos por conta de suas dificuldades em

aprender. A falta de conhecimento sobre a dislexia das escolas e profissionais onde já trabalhei nestes trinta anos me inquietou e preocupou. Ser disléxico não impede ninguém de crescer profissionalmente e é isso que as pessoas precisam entender (Oliveira 2011).

No que tange à relevância deste estudo, ele se pauta na necessidade de elucidar as questões acima citadas, tendo como objetivo descrever a dislexia, causas, sintomas, juntamente com as sugestões de intervenções. Para isso será relatado o que vem ser a dislexia, seus sintomas principais e formas de sanar essas dificuldades, métodos e técnicas, abordando ainda a importância da qualificação profissional e a formação continuada no diagnóstico e na intervenção durante o processo educativo do disléxico, buscando uma prática docente que vise auxiliar o trabalho com os alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e soletração, sugerindo atividades que poderão serem desenvolvidas durante o processo de ensino aprendizagem, analisar os mecanismos teórico/prático de intervenção pedagógica que possam contribuir para melhor desempenho do aluno disléxico.

CAPÍTULO I - DISLEXIA: REVISÃO DE LITERATURA

Conforme Hout e Estienne (*cit. in* Massi, 2012), em 1896, um menino de quatorze anos de idade chamado Percy, instigado por sua dificuldade para aprender a ler e a escrever, consultou um médico e disse-lhe:

Não compreendo o que tenho: sou inteligente e tenho facilidade para matemática; se o professor levasse em conta apenas minhas respostas orais, eu seria o primeiro da classe; mas infelizmente sou o último, pois mesmo os meus colegas poucos dotados aprendem sem dificuldades o que eu, apesar de todos os meus esforços, não consigo: ler e escrever Hout e Estienne, (*cit. in* Massi, 2012, p. 9)

O médico que o atendeu foi o inglês Pringle Morgan que, verificando as dificuldades do menino - apesar de sua visão normal -, diagnosticou-o como portador de "cegueira verbal congênita", marcando o surgimento da categorização de um distúrbio de aprendizagem - a dislexia (Massi, 2012).

O conceito “Dislexia” foi primeiramente usado por Berlin (*cit. in* Oliveira 2011). Entre os anos de 1917-1925: os pesquisadores não reconheciam ainda a Dislexia como um problema de linguagem e os médicos se negavam a reconhecer a existência do transtorno (Oliveira 2011).

Segundo Quirós e Della Cella (*cit. in* Massi, 2012), esse menino não sabia o alfabeto e, quando escrevia, transformava ou deformava as palavras. Ao escrever seu nome, por exemplo, grafava Precy e não Percy. Só depois de soletrar custosamente as palavras, ele era capaz de compreender seu significado. Todavia, conforme apresentado no capítulo 3, esses fatos, tomados como sintomas de uma síndrome, podem, dependendo do entendimento que se tem da linguagem, ser compreendidos como próprios da escrita inicial.

Segundo Cuba dos Santos (*cit. in* Massi, 2012), crianças com essa patologia, apesar da dificuldade na aprendizagem da escrita, apresentam níveis normais de inteligência, órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e instrução adequadas.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia, (2011), em 1994, foi divulgada pela International Dyslexia Association a definição que vem sendo utilizada:

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de submetida a instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sócio- cultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldades com diferentes formas de linguagem, freqüentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar.

Sobre a Dislexia, a Internacional Dyslexia Association – IDA (2002), aponta que essa é uma das diversas incapacidades na aprendizagem, um distúrbio específico da linguagem, mas especificamente da linguagem escrita, de origem biológica, caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, que geralmente refletem habilidades insuficientes de processamento fonológico. Essas dificuldades na decodificação de palavras individuais são frequentemente inesperadas em relação a idade ou a outras capacidades cognitivas e não são resultantes de uma incapacidade no desenvolvimento ou de um comprometimento sensorial.

A dislexia difere dos distúrbios de aprendizagem mais gerais por se constituir em prejuízo que persiste na vida adulta, enquanto as pessoas com dificuldades de aprendizagem mais gerais apresentam soletração melhor e aritmética pior, além de fazerem progresso em programas de estimulação de leitura (Rutter & Muaghan, 2005).

Atualmente o conceito mais aceito de dislexia é um transtorno específico da aquisição e do desenvolvimento da aprendizagem da leitura, caracterizado por um rendimento em leitura inferior ao esperado para a idade e que não se caracteriza como o resultado direto do comprometimento da inteligência geral, lesões neurobiológicas, problemas visuais e auditivos, distúrbios emocionais ou escolarização inadequada.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD), define dislexia como um transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, sendo o distúrbio de maior incidência nas salas de aula (ABD, 2008) a associação ainda afirma que:

A dislexia não é resultado de má alfabetização, destenção, desmotivação, condição sócio-econômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico... Como a dislexia é genética e hereditária se a criança possuir pais ou outros parentes disléxicos quanto mais cedo for realizado o diagnóstico melhor para os pais, a escola e a própria criança. A criança poderá passar pelo processo de avaliação realizada por uma equipe multidisciplinar especializada, mas se não houver passado pelo processo de alfabetização o diagnóstico será apenas de uma criança de risco (ABD, 2008, p.1).

Crianças com dislexia têm dificuldades na decomposição fonológica, mas a compreensão da fala é intacta e a leitura é geralmente lenta. Pessoas com dislexia também tem dificuldade em soletrar, em reconhecer rimas, em ler palavras não habituais mesmo que sigam as regras gramaticais da língua.

É importante ressaltar que existe uma combinação dos fenômenos biológicos e ambientais no aprendizado da linguagem escrita, envolvendo a integridade motora, a integridade sensorio-perceptual e a integridade socio-emocional (possibilidades reais que o meio oferece em termos de quantidade, qualidade e frequência de estímulos). Além disso, o domínio da linguagem e a capacidade de simbolização também são princípios importantes no desenvolvimento do aprendizado da leitura e da escrita (Berlim, 2009).

Considero importante reafirmar que o campo de estudos da dislexia é um espaço marcado por contradições e disputas entre diferentes linhas de pesquisas.

1.2 Aprendizagem da Leitura

Ser alguém privado da leitura ou tê-la de forma deficitária pode acarretar consequências indesejáveis, tais como a dificuldade em obter emprego ou até em atividades simples como ler o itinerário de um ônibus ou as opções de um cardápio. Sobre as consequências indesejáveis relacionadas à leitura Shaywitz e Shaywitz (2006, p. 22-23), afirmam que:

A leitura é frequentemente a chave para a realização dos sonhos que o pai tem para um filho. Já muito cedo, as crianças são monitoradas, e seu futuro com frequência se determina no ambiente escolar. Na sala de aula a leitura é tudo; é essencial para o sucesso acadêmico. Os problemas de leitura têm consequências em todo o desenvolvimento, inclusive na vida adulta. É por isso que é tão importante ser capaz de identificar a dislexia com precisão muito cedo, tomando as atitudes adequadas sem demora para que a criança aprenda e goste de ler.

No que diz respeito, à prática da leitura, de acordo com os dados da publicação Retratos da leitura do Ministério da Educação, (M. E.)- Brasil (2011), realizado pelo Instituto Pró-Livro (IPL, 2015), com o apoio do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), ocorreu uma diminuição no número de leitores no país, de 95,6 milhões em 2007 para 88,2 milhões em 2011. Ainda, o hábito da leitura somente aparece em sétima posição, perde para outras atividades, como assistir à televisão, escutar música e sair com amigos.

De acordo com pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2009, 14,1 milhões de brasileiros com mais de 10 anos de idade eram analfabetos. Esses estudos também mostraram que a taxa de analfabetismo funcional era de 20,3% para pessoas com mais de 10 anos.

Segundo o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica- (Snaeb) 59% dos alunos brasileiros chegam à 4ª série do ensino fundamental sem terem desenvolvido competências e habilidades elementares de leitura.

Atualmente, apesar da redução das taxas de analfabetismo e analfabetismo funcional, quando comparadas com os anos anteriores, as estatísticas governamentais

demonstram um quadro preocupante: o número de alunos com baixo rendimento escolar vem aumentando com o passar dos anos. As crianças cada vez mais apresentam dificuldades para desenvolver as competências necessárias para a aquisição da leitura e da escrita.

O hábito da leitura favorece o processamento dos estímulos visuais, a especialização das células nervosas e a automatização das correspondências entre grafemas e fonemas, logo, colabora para uma melhor performance do indivíduo durante a leitura e potencializa a compreensão leitora. De acordo com Moraes, et al., (2013), os bons leitores são caracterizados como indivíduos que apresentam um adequado nível de leitura, pois dispõem de variáveis cognitivas dentro do esperado para a sua faixa etária, por exemplo, atenção, memória de trabalho, conhecimento lexical e gramática da língua, o conhecimento semântico e enciclopédico, raciocínio, capacidade de análise e síntese.

Sesma et al., (2009), referem que a compreensão leitora depende de várias componentes das quais se destacam as variáveis cognitivas, como, vocabulário, interpretação de palavras, a fluência de leitura, a compreensão da linguagem, e, ainda, habilidades relacionadas à função executiva das quais se evidenciam a memória de trabalho, planejamento, organização e controle.

A prática da leitura está relacionada, com o desempenho em escrita (Guaresi, 2012). A leitura é uma atividade neurocognitiva de alta complexidade que requer o reconhecimento das letras e suas combinações para que sejam convertidos nos devidos sons (decodificação grafema-fonema), (Ellis, 1995).

A leitura e a escrita representam “adquirir e difundir conhecimento”. Entre os seres humanos, “saber” é uma competência de inestimável valor. A leitura é uma atividade mental complexa e recente na humanidade, em contraste com a linguagem oral que é inata. O cérebro precisa aprender a ler o mundo moderno e, para que isto aconteça, diversas são as etapas e os circuitos ativados.

O reconhecimento de palavras é a base da leitura: todos os outros processos dependem dele. Se os processos de reconhecimento de palavras não funcionam de

forma fluente e eficiente, a leitura será, na melhor hipótese, altamente ineficiente. O estudo dos processos de reconhecimento de palavras é uma das mais antigas áreas de pesquisa (Carttell, 1986). O reconhecimento envolve ter acesso às informações armazenadas na memória. No caso do reconhecimento visual de palavras, isso geralmente envolve recuperar informações sobre a forma falada e o significado da palavra à partir da sua forma escrita.

Para ler e para que se processe a informação, é fundamental que o leitor possua um conjunto dinâmico, sistêmico, coeso e auto-regulado de competências cognitivas como a nos sublinha, Fonseca (2002, p.11),

atenção, a percepção, a memória, o processamento simultâneo e sequencializado, a simbolização, a compreensão, a inferência, a planificação e a construção de estratégias, conceptualização, a resolução de problemas, a chamada expressão de informação, etc

Fonseca (2004) e Plaut (2005), referem que ler é o resultado de um sistema complexo, onde estas componentes cognitivas colaboram e contribuem de uma forma enérgica envolvendo inúmeros sistemas funcionais neuropsicologicamente integrados.

Fonseca (2004), considera que a leitura é um processo complexo, que envolve vários processos como a linguagem, a psicomotricidade, a percepção auditiva e visual, o comportamento emocional, a cultura, entre outros.

Shaywitz e Shaywitz (2008), propõem, no processo de leitura, um sistema de linguagem constituído por quatro componentes organizados hierarquicamente. A fonologia, que se refere ao processamento dos diferentes elementos sonoros da linguagem, encontra-se no nível mais inferior, seguem-se a semântica (vocabulário e significado de palavras), a sintaxe, (domínio da estrutura gramatical) e o discurso (frases articuladas em situação de comunicação).

A aprendizagem da leitura e da escrita envolve inúmeras funções entre elas a linguagem ao nível da recepção e expressão, que são interativas e interdependentes, e diversos processos cognitivos que interagem entre si.

Ler é processar informações: transformar escrita em fala, ou escrita em significado. Qualquer pessoa que tenha aprendido a ler terá adquirido um sistema mental de processamento de informações capaz de realizar essas transformações. Para compreender o processo de leitura devemos entender a natureza desse sistema.

O processamento da leitura se dá através de informações a partir do ato de transformar escrita em fala ou escrita em significado. É um sistema mental de processamento de informações capaz de realizar estas informações. Leitura habilidade que consiste em partir da informação visual ao som (decodificação grafo-fonêmica). (Salles & Parente, 2002).

Segundo, Capovilla, (2006), apresenta-se a representação das competências de Leitura;

Fluência de Leitura = Conhecimento de fatos e conceitos
 Reconhecimento visual direto das palavras
 Decodificação
 Consciência Fonológica
 Estrutura de linguagem
 Raciocínio Verbal
 Vocabulário
 Nível de Alfabetização

Percebe-se que Smith (2003), acredita que a ‘bagagem’ trazida pelo leitor irá influenciar diretamente no processo de compreensão do texto, visto que nela se encontram as representações mentais que darão significado ao que se lê. Através dessa perspectiva verifica-se que a leitura não é uma tarefa fácil, ela exige do leitor ampla atividade cognitiva que envolve os sentidos, a memória, a atenção, a capacidade de decodificação, assim como a familiaridade com aspectos linguísticos dos mais diversos níveis como fonológico, semântico, sintático e também pragmático que estarão implicados de uma forma ou de outra no que Smith denomina “visão de mundo” do leitor, e que, por sua vez, implica diretamente no processo da compreensão leitora.

A linguagem oral é uma aquisição biologicamente especializada e natural, enquanto a leitura é um produto cultural da nossa sociedade e depende de instrução